

CARTA DE CAMINHA: CONTATO LINGUÍSTICO E A CHEGADA DO LATIM NO BRASIL

Viviane Lourenço Teixeira

Orientador: Leonardo Ferreira Kaltner

Mestranda

RESUMO: O principal objetivo do nosso trabalho é analisar, a partir da historiografia da linguística, o contexto cultural do mundo lusófono à época das Navegações e dos Descobrimientos, e a construção social e política da Língua Portuguesa com a chegada da Língua Latina no processo de contato linguístico no Brasil quinhentista. Buscamos analisar as implicações político-ideológicas na formação do Brasil, tendo por texto a ser estudado a *Carta* de Pero Vaz de Caminha, primeiro e importante documento registrado em Língua Portuguesa nas Américas. Dessa forma, escolhemos como *corpus* a obra filológica de Jaime Cortesão, *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (1967). Tendo por objeto de estudo o trabalho filológico de Jaime Cortesão com a *Carta* e o próprio manuscrito datado de 1500 e digitalizado pela equipe do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT) em Évora, dividimos nosso trabalho em duas partes: uma externa e outra interna. Por se tratar de um trabalho teórico-metodológico de objeto bibliográfico com um estudo reflexivo, optamos pela abordagem qualitativa. Dado isso, fomos buscar nos estudos filológicos e na Historiografia da Linguística um aparato teórico, com a finalidade de apresentarmos como Jaime Cortesão reconstituiu e esclareceu aspectos relevantes da *Carta*. Na análise interna, buscamos estabelecer uma ligação entre o documento de 1500, seu contexto de produção e recepção pelas mudanças linguísticas em perspectiva de contato no século XVI. Para isso, partimos de uma análise de descrição da tentativa de contato linguístico, entre portugueses e indígenas, sem a compreensão mútua da fala. Como um dos resultados obtidos de nossa pesquisa, analisamos as 2 primeiras missas, que foram celebradas em Língua Latina pelo Frei Henrique de Coimbra, e apontamos aspectos concernentes ao contato linguístico sem fala que explicamos sob a égide dos pressupostos da Ecolinguística.

PALAVRAS-CHAVE: *Carta* de Caminha, Contato Linguístico, Historiografia da Linguística, Jaime Cortesão.

Um dos principais objetivos do nosso trabalho é analisar, a partir da historiografia da linguística, a relação entre o contexto cultural do mundo lusófono à época das navegações e dos descobrimentos, e a construção social e política da Língua Portuguesa no processo de Contato Linguístico no Brasil quinhentista a partir de uma análise portuguesa, inicialmente contemporânea, deste processo intercultural e transatlântico resultante da expansão do reino absolutista português nas Américas.

Buscamos analisar suas implicações político-ideológicas na formação do Brasil-Colônia, assim como a chegada da Língua Latina à América. Para tal, escolhemos por texto a ser estudado a *Carta* de Pero Vaz de Caminha. Além de importante documento sobre o início do processo civilizatório do qual resultou o Brasil, é o primeiro a ser registrado em Língua Portuguesa nas Américas sobre o Contato Linguístico. Para nos auxiliar elegemos como *corpus* a obra filológica de Jaime Cortesão, *A Carta de Pero Vaz de Caminha* (1967). Em suma, nosso trabalho é uma análise, a partir da historiografia da linguística, de aspectos culturais do século XVI e o Contato Linguístico que estão subjacentes a uma interpretação da *Carta* de Caminha.

Tendo por objeto de estudo o trabalho filológico de Jaime Cortesão (doravante JC) com a *Carta* e o próprio manuscrito datado de 1500 e digitalizado pela equipe do Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT)¹ em Évora, preferimos dividir nosso trabalho em duas partes: uma externa e outra interna. Iniciamos por fazer uma análise qualitativa de dados e optamos por utilizar a Historiografia da Linguística como teoria. Esta (doravante HL) como o estudo que estabelece relações entre múltiplos ramos de conhecimento e como método de estudo interdisciplinar que engloba enfoques históricos de estudos sobre a linguagem, fará parte de nossa análise externa. Tendo por objeto de estudo central a ser analisado o próprio texto de Caminha, nosso olhar estará alinhado ao tipo de investigação científica a que nos propusemos. Procuramos também reconstruir o ideário linguístico do trabalho filológico de Cortesão com Caminha dentro do seu contexto de produção.

Para alcançarmos nossos objetivos com o trabalho, nos baseamos nos princípios de Koerner (1996) e nos parâmetros de Swiggers (2013). Através dos

¹ Disponível em: <http://digitarq.arquivos.pt/details?id=4185836>. Acesso em: 16 de agosto de 2016

princípios da *contextualização*, da *imanência* e da *adequação*² evitamos nos exceder na linguagem técnica que poderíamos utilizar ao longo de nossa exposição crítica.

A *contextualização* se refere “ao estabelecimento do ‘clima de opinião’ geral dos períodos em que as teorias se desenvolveram” (KOERNER, 1996, p. 60). Assim, devemos pensar o contexto socioeconômico, político e cultural no qual nosso *corpus* e seu autor estão inseridos.

O princípio da *imanência* é, talvez, o mais trabalhoso, pois nesta etapa o pesquisador deverá estar apartado de suas próprias ideias para voltar-se para o conteúdo com rigor, para que nenhuma análise se desvie das informações linguísticas que são internas ao texto. Batista (2013), afirma:

Aproximações com visões contemporâneas do historiógrafo devem ser evitadas, em nome de um tratamento próximo ao filológico para o objeto de análise; em outras palavras, o que se pretende é compreender o objeto de análise em sua própria natureza e configuração social e temporal, isto é, analisar o pensamento linguístico tal como ele se define (BATISTA, 2013, p. 76).

Neste ponto é necessário voltarmos exclusivamente para o texto, afim de buscar nele as respostas para nossos objetivos, sem nos arriscarmos em fazermos uma análise equivocada acerca da proposta filológica de Cortesão.

A *adequação* fecha os princípios da HL proposto por Koerner. Nessa etapa, depois de realizadas as duas anteriores, o historiógrafo está apto para fazer suas análises e reflexões críticas. Em outras palavras:

[...] pode o historiógrafo aventurar-se a introduzir, ainda que muito cuidadosamente e colocando seu procedimento de forma explícita, aproximações modernas do vocabulário técnico e um quadro conceptual de trabalho que permita uma melhor apreciação de um determinado trabalho, conceito ou teoria. (KOERNER, 1996, p. 60).

Outros pontos levantados foram: explicitar o tipo de documento que estávamos investigando, o tipo de análise (interna/externa) e o modelo teórico utilizado com a finalidade de executar nossos propósitos. Os parâmetros da *cobertura*, da *perspectiva* e

² Cf. Batista, 2013.

da *profundidade*³ nos auxiliaram quanto a isto. Vale a pena explicarmos brevemente a que consiste cada um destes.

A *cobertura* refere-se ao campo geográfico e a qual temática constitui o objeto de estudo do historiógrafo. Nas palavras do autor: “[...] el parámetro de la cobertura está en correlación con el tipo de documentación accesible/estudiado, con el poder explicativo de la hipótesis del historiógrafo, con el tipo de investigación interdisciplinaria que se impone [...]” (SWIGGERS, 2009, p. 70).

A *perspectiva* poderá ser interna e externa: a interna “analiza las ideas y prácticas lingüísticas en sí mismas (y por sí mismas)” e a externa “se focaliza en el contexto”.

Por último temos a *profundidade* da análise que é determinada não só pelo historiógrafo, mas também por seu objeto e as ferramentas disponíveis: “El parámetro de la profundidad no está solamente determinado por el interés, el gusto o la vocación más o menos teórica del historiógrafo; en muchos casos está determinado por el objeto de estudio elegido y por la documentación disponible” (SWIGGERS, 2009, p. 70).

Debruçados ainda na parte externa, fomos buscar nos estudos filológicos um aparato teórico, com a finalidade de apresentarmos como JC reconstituiu e esclareceu aspectos relevantes presentes no documento de 1500. Por trabalhar diretamente com o manuscrito, o autor passa pela etapa de levantamento de dados e se apropria dos princípios estabelecidos por Karl Lachmann no que diz respeito à crítica textual; porém, não satisfeito conduz seu trabalho para a crítica-literária:

Na verdade a *Carta* estava pedindo, mais amplamente, um estudo histórico-cultural. Tornava-se mister fazê-la entrar dentro do gênero a que pertence e esclarecê-la, por comparação com o maior número de textos similares da mesma época. Mais do que isso, fazê-la respirar de novo o ambiente próprio, procurando decifrar os seus enigmas, não apenas à luz da filologia, isto é, da história da linguagem, mas também dos costumes, das artes, da religião, das atividades, ideias e sentimentos dos seus contemporâneos (CORTESÃO, 1967, p. 18).

Isso dado, foram trazidos à tona elementos próprios desse modelo de crítica e identificamos no trabalho do polígrafo a *autenticidade*, a *datação*, as *circunstâncias*, a *sorte*, a *linguagem do texto* e a *avaliação crítica*. JC, nos sete capítulos – somam-se a estes as notas, documentos e registro bibliográfico – que fazem parte de sua obra, desfaz

³ Cf. Swiggers, 2009.

quaisquer dúvidas sobre a autenticidade do documento de 1500 e a de seu autor. Ressalta também as particularidades da *Carta* e faz comparações com outros textos dedicados a El-Rei D. Manuel, O Venturoso, no contexto das Navegações.

Outros pontos levantados foram a relação entre o uso retórico da linguagem e a representação da realidade, relacionando o texto de Caminha a outros elementos pertinentes para o nosso trabalho, tais como a multiculturalidade existente em nossa língua. O português utilizado por Pero Vaz de Caminha, em seu relato, é próprio da expansão marítima que tinha como intuito aumentar não só o poderio mercantil, mas também servia como meio de expandir o próprio império através da fé e da língua. Caminha utiliza, segundo Bechara (2009), o português arcaico médio.⁴

Por última na análise externa, destacamos a chegada do Latim que tem sua primeira aparição nas Américas nas missas ocorridas em 1500. Nas palavras de Faria (1959):

Ao aportarem, em 1500, as primeiras caravelas portuguesas à América, quando Pedro Álvares Cabral tomou posse da terra em nome de D. Manuel, o Venturoso, Frei Henrique de Coimbra, que fazia parte da expedição cabralina, rezou a primeira missa no Brasil. Assim podemos dizer que o latim, sob a forma do latim eclesiástico, chegou à América portuguesa ao mesmo tempo que seus descobridores (FARIA, 1959, p. 81).

A segunda etapa de nosso trabalho, a análise interna, refere-se ao texto que aparece na *Carta* de 1500. Ao analisarmos estabelecemos uma ligação entre o mesmo e seu contexto de produção e recepção pelas mudanças linguísticas em perspectiva de contato no século XVI. Partimos de uma análise de descrição da tentativa de Contato Linguístico entre portugueses e indígenas sem a compreensão mútua da fala. Como exemplo, destacamos a primeira missa, momento de significação particular relatado no documento de 1500. Celebrada por Frei Henrique de Coimbra foi acompanhada de perto pelos nativos da nova terra:

chentada
acruz cõ as armas e deuisa de vosa alteza
que lhe primº pregarom armarom altar ao pee

⁴ Bechara adota quatro fases para o português, a saber: português arcaico, português arcaico médio, português moderno e português contemporâneo. Cf. Bechara, 2009, p. 25.

Anais do IX SAPPIL – Estudos de Linguagem, UFF, nº 1, 2018.

dela. / aly dise misa opadre frey amrique aqual (folha 12)
foy cantada e ofeçada per eses ja ditos. / aly
esteueram cõ nosco aela obra de l ou lx deles
asentados todos em giolhos asy coma nos

Chantada a Cruz, com as armas e a divisa de Vossa Alteza,
que primeiramente lhe pregaram, armaram altar ao pé dela.
Ali disse missa o padre Frei Henrique, a qual foi cantada (p. 252-253)
e oficiada por esses já ditos. Ali estiveram connosco a ela
obra de cinquenta ou sessenta deles, assentados todos de
joelhos, assim como nós⁵.

Para executarmos essa parte, utilizamos a teoria da Ecolinguística somada às
teorias do Contato Linguístico. Definida como sendo aquela que “estuda as relações entre
língua e meio ambiente”, a Ecolinguística contribui em nossa análise para entendermos
os primeiros contatos linguísticos ocorridos entre portugueses e indígenas, relatados por
Caminha:

pardos
todos nuus sem nhuũa cousa que lhes cobrisse suas
vergonhas. traziam arcos nas mãos esuas see
tas. vijnham todos rrijos perao batel e nicolaaõ co (folha 1)
elho lhes fez sinal que posesem os arcos. e eles os
poseram. aly nom pode deles auer fala nẽ entẽ
dimento que aproueitasse polo mar quebrar na
costa.

Eram pardos, todos nus, sem
coisa alguma que lhes cobrisse suas
vergonhas. Nas mãos traziam arcos
com suas setas. Vinham todos rija- (p. 224)
mente sobre o batel; e Nicolau Coelho
lhes fez sinal que pousassem os arcos.
E eles os pousaram.
Ali não pôde deles haver fala,
Nem entendimento de proveito, por o
mar quebrar na costa.

⁵ Esclarecemos que primeiramente os excertos da *Carta* de Pero Vaz de Caminha aparecerão em português arcaico, seguido da adaptação à linguagem atual. Tanto a transcrição do fac-símile – que se encontra na Torre do Tombo – quanto a adaptação para a linguagem atual foram retiradas de Cortesão (1967). Por isso, colocamos somente a numeração da folha ao lado do excerto em fac-símile e a paginação ao lado da linguagem atual.

É através dos ecossistemas linguísticos, constituintes da Linguística Ecolinguística que nada mais é que uma variante da Ecolinguística⁶, que demonstramos como foi possível estabelecer o contato e a comunicação.⁷ Os ecossistemas dividem-se em três: natural, mental e social.

No ecossistema natural temos em um determinado ambiente/ território (T), uma língua (L) que é falada por um grupo de indivíduos (P); no mental⁸, formado pelo povo e pelo território, há uma espécie de “conexão”, entre língua e território que é mediada pelo povo; o último ecossistema preza a coletividade, lugar onde a interação ocorre. Neste os organismos (= indivíduos) estão em uma totalidade de maneira que sua organização se dá socialmente⁹.

Esquemmatizando, tem-se:

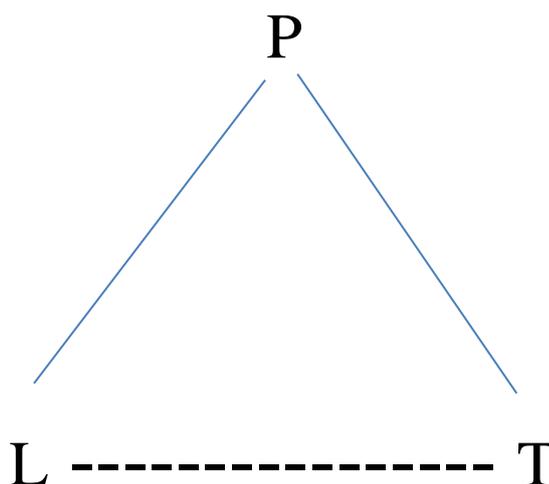


Figura 2¹⁰

Como um dos objetivos do nosso trabalho foi analisar, a partir da historiografia da linguística, a relação entre o contexto cultural do mundo lusófono à época das navegações e dos descobrimentos, e a construção social e política da Língua Portuguesa

⁶ “É uma espécie de ecolinguística radical, no sentido de ir à raiz da ecologia, ou melhor, de partir da raiz da **macroecologia**” (COUTO, 2015, p. 88, grifo do autor).

⁷ Destaque para a fala de Hildo Honório Couto (2015) que afirma que língua é comunicação.

⁸ A atenção está voltada para a língua, que no cérebro de cada indivíduo se forma, se armazena e se processa (COUTO, 2016).

⁹ Cf. Couto (2015,2016).

¹⁰ Retirada de Couto (2015, 2016). A figura representa as relações entre Povo (P), Território (T) e Língua (L), presentes nos ecossistemas (natural, mental e social).

com a chegada da Língua Latina no processo de Contato Linguístico no Brasil quinhentista; buscou-se incluir elementos da Historiografia da Linguística, da Filologia, da Sociolinguística, da Ecolinguística e de outras áreas que contribuíram para a composição do mesmo, como por exemplo a Crítica Textual. Somou-se a isso a necessidade de que a *Carta* de Caminha – um dos poucos documentos que se configura como testemunho direto da expedição de Cabral (este é considerado, por alguns autores, como o texto de fundação do Brasil) – carecia de ser analisada sob aspectos que evidenciassem a importância do escrivão Caminha e seu texto no processo de construção discursiva do Contato Linguístico no Brasil.

Vale lembrarmos que a *Carta* de Caminha tem por objetivo levar ao rei de Portugal informações sobre a nova terra. O escrivão nos fornece, dentre outras coisas: informações sobre a viagem de 1500, sobre as “riquezas” aqui encontradas e uma gama indiscutível de informações sobre a Terra de Vera Cruz. A narrativa repleta de observações sobre a viagem, sobre o dia em que as naves portuguesas aportaram, os costumes indígenas e a tentativa de contato linguístico (LANDIM, 2010) nos é dada também em caráter subjetivo, no que diz respeito as impressões de seu autor:

Posto que o Capitão-mor desta vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a nova do achamento desta vossa terra nova, que ora nesta navegação se achou, **não deixarei também de dar disso minha conta** a Vossa Alteza, o melhor que eu puder ainda que – para bem contar e falar – o saiba fazer pior que todos.
Tome Vossa Alteza, porém, minha ignorância por boa vontade, e creia bem por certo que, para aformosear nem afeiar, **não porei aqui mais do que aquilo que vi e me pareceu** (CORTESÃO, 1967, p. 221, grifo nosso).

Acreditamos que os fenômenos linguísticos que encontramos na *Carta* são de relevância considerável para um entendimento acerca do contexto linguístico no século XVI. Assim, justificamos neste ponto a escolha da obra de Jaime Costesão como *corpus* de nosso trabalho, porque sua obra é a mais consagrada ao explorar tal documento.

Nossa investigação procurou se constituir de forma clara e objetiva somando as informações apresentadas em nosso *corpus* com as teorias por nós utilizadas, para que o leitor pudesse ter informações necessárias para compartilhar das discussões propostas sobre o século XVI no século XXI.

Nossa investida teórica não se distanciou da perspectiva da Linguística Histórica, na qual a pesquisa tende a reconstrução do ideário linguístico, porque uma abordagem dos fenômenos de transformação de nossa língua e as relações estabelecidas com o falante, passando pela chegada da Língua Latina nas Américas, evidenciando a correlação dos fatos linguísticos com os fatos históricos, demonstram a importância da língua portuguesa como língua ultramarina na era das navegações; projeto audacioso que ganha força nas últimas décadas do século XV até fins do século XVI, na época da União Ibérica.

Ademais, nosso trabalho buscou pôr em relevo textos fundamentais históricos para os estudos culturais e linguísticos com uma abordagem interdisciplinar. Esta nos auxiliou para o impulso de investigar a ligação existente entre o livro de Jaime Cortesão, *A carta de Pero Vaz de Caminha* (1967), e seu contexto de produção e recepção. Assim como estudar a *Carta a El-Rei D. Manuel I* e as mudanças linguísticas em perspectiva de contato no século XVI.

Esperamos que ao final da leitura o leitor possa perceber como as identidades linguística e cultural estão presentes na *Carta de Caminha*, porque estas são por nós apresentadas para demonstrarem os valores histórico, social, literário e cultural da “certidão de nascimento” do Brasil com um registro de uma das primeiras tentativas de Contato Linguístico.

Referências

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. *Introdução à historiografia da linguística*. São Paulo: Cortez, 2013.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CORTESÃO, Jaime. *A obra de Pero Vaz de Caminha*. Lisboa: Portugália, 1967.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; BORGES, Lorena Araújo de Oliveira. *Análise do discurso ecológica (ADE)* - Coleção: Linguagem e Sociedade. v. 9. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

COUTO, Hildo Honório do; COUTO, Elza Kioko Nakayama Nenoki do; ARAÚJO, Gilberto Paulino de; ALBUQUERQUE, Davi Borges de. (Org.). *O paradigma ecológico para a ciência da linguagem: ensaios ecolinguísticos clássicos e contemporâneo*.

Goiânia: Editora UFG, 2016.

FARIA, Ernesto. Introdução à didática do latim. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1959.

KOERNER, E. F. Konrad. Questões de persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, nº 2, p. 45-70, 1996.

[LANDIM, Dulcelino LOPES](#). *A Carta de Caminha Enquanto Primeiro Documento da História da Literatura Brasileira*. 2010. 83 f. Trabalho científico (Estudos caboverdianos e portugueses) Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde. Disponível em: [<http://hdl.handle.net/10961/2013>]. Acesso em: 20 agos. de 2016.

SWIGGERS, Pierre. La historiografía de la lingüística: apuntes y reflexiones. *Revista argentina de historiografía lingüística*, v. 1, n. 1, 67-76, 2009. Disponível em: [<http://www.rahl.com.ar/index.php/rahl/article/view/6/18>]. Acesso em: out. de 2017.

_____. A historiografia da linguística: objeto, objetivos, organização. *Revista Confluência*. n. 44-45, p. 40-59, 2013.